

# ABORDAGENS DOS LIVROS DIDÁTICOS DE LITERATURA BRASILEIRA SOBRE “REGIONALISMO”

Nabupolasar Alves Feitosa

## 1 INTRODUÇÃO

A noção de regionalismo hegemônica entre os intelectuais e nas academias reflete-se nos livros didáticos, como muito do que se produz na universidade, e é, costumeiramente, repassado acriticamente aos alunos. A noção a que se faz referência aqui foi objeto de estudo deste escriba em outra ocasião, pelo qual se mostrou o equívoco que se faz do uso do termo “regionalismo”, como se este indicasse uma escola literária, um estilo de época, o que não é verdade.

Nos anos 1980 e 1990, os livros didáticos de literatura e as apostilas dos cursinhos pré-vestibulares indicavam que o “regionalismo” tinha começado efetivamente em 1928 com a publicação de *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida. No entanto, quando se abrem os livros didáticos que estão em uso nas escolas, pelo menos a partir de 2010, o termo “regionalismo” aparece retroaplicado para a escola romântica, numa ampliação que se faz do equívoco sobre o que realmente foi o regionalismo: um movimento político-econômico e cultural tocado por homens da elite intelectual pernambucana para defender interesses da política estadual e das classes dominantes decadentes.

Dado que os livros didáticos acabam sendo a caixa de ressonância da academia e uma vez que a noção de “regionalismo”, consensual entre os intelectuais, é equivocada, considera-se que estes livros ensinam de maneira enviesada sobre o chamado o movimento regionalista, sobre Geração de 30, e, num comparativo que se costuma fazer, da relação do regionalismo com o movimento modernista de 1922.

A partir do que foi exposto, surgiu a seguinte pergunta: Quais as abordagens dos livros didáticos de Literatura Brasileira sobre “regionalismo”? Algumas

hipóteses foram então levantadas, tais como: os livros didáticos usam como sinônimos os termos literatura regional e literatura rural; os livros didáticos posicionam o “regionalismo” no romantismo por causa de uma definição de Antonio Candido; a Geração de 30 é considerada um conjunto de autores “regionalistas”, ainda que produzam enredos ambientados em áreas urbanas; os livros didáticos não fazem discussão entre regional e universal; e os livros didáticos indicam que o Manifesto Regionalista de Gilberto Freyre foi o documento norteador do movimento regionalista.

Assim, o objetivo geral deste artigo é analisar as abordagens dos livros didáticos de Literatura Brasileira sobre “regionalismo”. Entre os objetivos específicos destacam-se: Conhecer os conceitos e definições do termo “regionalismo” utilizados nos livros didáticos; pesquisar sobre a relação que se faz, nesses livros, entre “regionalismo” e “literatura rural”; investigar a influência de Antonio Candido na retroaplicação do termo regionalismo para a escola romântica; listar os autores da Geração de 30 considerados “regionalistas” nas obras analisadas; pesquisar a presença nos livros didáticos do argumento do Manifesto Regionalista de Gilberto Freyre como documento norteador do movimento regionalista.

Este trabalho se escora em textos fundamentais da crítica literária brasileira e de história da literatura. O mais importante desses livros é *Modernismo e Regionalismo (os anos 20 em Pernambuco)* (AZEVEDO, 1984), escrito por Neroaldo Pontes de Azevedo, que revela a contenda intelectual que se travou no Recife nos anos 1920 contra o modernismo de Joaquim Inojosa.

Outro livro importante é *Região e Tradição* (FREYRE, 1968), escrito por Gilberto Freyre em 1941 e reeditado em 1968. Nas duas edições, é de grande contribuição o prefácio de José Lins do Rego (REGO, 1968). De pesquisa pós-doutoral deste escritor, nasceram três textos que realizam ampla discussão do tema regionalismo: no primeiro, intitulado *Não Existe Regionalismo Literário* (FEITOSA, 2020), autores têm suas teses contestadas, inclusive o próprio Antonio Candido, sobretudo em igualar literatura regional a literatura rural; no segundo texto, *Pé-de-fogo* (FEITOSA, 2021a), faz-se um apanhado do que foi realmente o regionalismo, um movimento político com influência estética como consequência colateral; e no terceiro texto, *Formação da Literatura Brasileira e sua Compreensão Sobre o Regionalismo* (FEITOSA, 2021b), no qual se faz uma busca na obra de Antonio Candido sobre o regionalismo e a provável influência

sobre autores de livros didáticos para posicionar o “regionalismo” no período romântico.

A partir dos teóricos citados, foram analisados cinco livros didáticos de ensino médio publicados em 1995, 1996, 2010, 2011 e 2016. Neles foi possível detectar, por exemplo, a mudança de entendimento a respeito do “regionalismo” ao longo do tempo, desde os livros que ensinam que a literatura brasileira de 1930 é regionalista, tendo como obra inaugural *A Bagaceira* – era assim que se ensinava nos anos 1990 –, até a mudança, já nos anos 2010, nos quais se informa o “regionalismo” ter sido iniciado no século XIX, no período romântico, como literatura rural.

Esse trabalho está dividido em duas partes. Na primeira, são apresentados os aspectos que caracterizam o regionalismo, os quais não necessariamente combinam com o que normalmente é ensinado, bem como os conceitos de regionalismo em Antonio Candido, que predominam nas abordagens feitas por livros didáticos, fato analisado na segunda parte deste trabalho, na qual cinco livros didáticos de literatura brasileira de ensino médio passam pelo crivo desta pesquisa no que se refere à forma como tratam o tema regionalismo.

## 2 O MOVIMENTO REGIONALISTA DO NORDESTE E A TEORIA DE ANTONIO CANDIDO SOBRE REGIONALISMO

O termo regionalismo existe desde os anos 1920, amplamente divulgado por ocasião da criação do movimento regionalista cuja culminância se dá com o Congresso Regionalista do Nordeste, realizado em fevereiro 1926, cujo objetivo era apresentar a posição daquela intelectualidade pernambucana acerca do termo destacado. Já se vão quase 100 anos desde que o movimento regionalista foi apresentado publicamente, e parece que não há sinais de que a questão tenha envelhecido ou perdido sua importância não apenas na academia, mas também no cotidiano das pessoas. Existe uma permanente replicação do que aqui se consideram equívocos acadêmicos em livros didáticos sobre o regionalismo, o que tem levado ao distorcimento na formação básica dos alunos das escolas brasileiras.

Nesta seção, esclarece-se o que foi o movimento regionalista do Nordeste e explica-se por que não existe regionalismo literário, ou regionalismo como movimento estético. Aqui também se traz a noção de Antonio Candido sobre

regionalismo, abraçado por autores de livros didáticos, sobretudo a partir dos anos 2010.

## 2.1 O MOVIMENTO REGIONALISTA DO NORDESTE

O Movimento Regionalista do Nordeste não foi um movimento estético nem literário, mas econômico e político. Isso precisa ser registrado logo de partida. Em 28 de abril de 1924, por iniciativa do Professor Odilon Nestor, é criado o Centro Regionalista do Nordeste, cuja sede funcionava na própria casa do professor na Rua Paissandu, nº 382, em Recife-PE. Em 1926, tem lugar o Congresso Regionalista do Nordeste, que ocorre sem a participação de poetas, romancistas, pintores ou outros artistas. Não existe referência, por exemplo, à presença do poeta Manoel Bandeira nem do escritor José Lins do Rego, este o maior amigo de Gilberto Freyre, um dos nomes importantes do movimento pernambucano. Para ser preciso, houve sim presença de artistas como entretenimento entre as sessões, mas jamais como temática.

As temáticas debatidas durante do Congresso giravam em torno de assuntos como economia, urbanismo, arquitetura, cultura e arte, estas duas últimas não sendo vistas como manifestações estéticas de *per se*, mas como reforço da identidade nordestina, parte integrante do mosaico da identidade nacional. O objetivo do congresso era o de recuperar o poder que se esvaiu da elite nordestina por causa da queda na economia açucareira local, mas principalmente pela assunção ao poder da elite cafeeira.

Outro aspecto importante a ser destacado logo neste início é o de que O Manifesto Regionalista de 1926, na verdade, só foi escrito em 1952 por Gilberto Freyre, a partir de suas memórias e registros, não tendo havido nenhuma sessão do Congresso Regionalista em que esse manifesto tenha sido lido, ao contrário do que se costumam escrever em alguns livros, inclusive acadêmicos. Da mesma forma, não existe um programa regionalista com características estéticas do regionalismo, diferente do que alguns chegam a afirmar. O Centro Regionalista tinha sim um programa que sequer cita a palavra literatura:

*1º - O Centro Regionalista do Nordeste, com sede no Recife, tem por fim desenvolver o sentimento da unidade do Nordeste, já tão claramente caracterizada na sua condição geográfica e evolução histórica, e ao mesmo tempo, trabalhar em prol dos interesses da região nos seus aspectos diversos: sociais, econômicos e culturais.*

2º - Para isto será o Centro constituído e organizado dentro do espírito de comunhão regional, aproveitando os bons elementos da inteligência nordestina, com exclusão de qualquer particularismo provinciano, quer quanto às cousas quer quanto às pessoas.

3º - O Centro conservará a sua ação livre das injunções das correntes partidárias, colaborando com todos os grandes movimentos políticos que visem ao desenvolvimento material e moral do Nordeste.

4º - Perante o governo da União, o Centro defenderá os interesses do Nordeste na sua solidariedade, sem sacrificar as questões fundamentais da região às vantagens particulares de cada Estado.

5º - A fim de congregar os elementos da vida e da cultura nordestina, o Centro proporá:

- a. Organizar conferências, exposições de arte, visitas, excursões.
- b. Manter em sua sede biblioteca e sala de leitura, onde se achem representadas as produções intelectuais do Nordeste, no passado e no presente.
- c. Promover a cada ano ou de dois em dois anos, em uma cidade do Nordeste, um congresso regional.
- d. Editar uma revista de alta cultura, **O Nordeste**, dedicada especialmente ao estudo das questões nordestinas e ao registro da vida regional (AZEVEDO, 1984, p. 143-144).

No programa, reproduzido acima, fica sem margem para dúvida o interesse econômico e político do regionalismo e de que não se trata de um programa estético. O interesse pela cultura existe na medida em que esta se presta a destacar o prestígio da região perante o restante do País, sobretudo diante do governo central, agora nas mãos de cafeicultores.

Nos convites para o Congresso Regionalista do Nordeste estão listadas as atividades programadas, e neles não existe qualquer menção a literatura, mas uma ênfase nas questões econômicas e sociais. E mesmo na segunda parte dos convites, na qual se menciona interesse pela vida artística, não há ali sequer a palavra literatura.

#### *I – Problemas econômicos e sociais*

1. Unificação econômica do Nordeste. Ação dos poderes públicos e particulares.
2. Defesa da população rural. Habitação, instrução, economia doméstica.
3. O problema rodoviário do Nordeste. Aspecto turístico, valorização das belezas naturais da região.

4. *O problema florestal. Legislação e meios educativos.*
5. *Tradições da cozinha nordestina. Aspectos econômico, higiênico e estético.*

#### II – Vida artística e intelectual

1. *Unificação da vida cultural nordestina. Organização universitária. Ensino artístico. Meios de colaboração.*
2. *Defesa da fisionomia arquitetônica do Nordeste. Urbanização das capitais. Plano para as pequenas cidades do interior. Vilas proletárias. Parques e jardins nordestinos.*
3. *Defesa do patrimônio artístico e dos monumentos históricos.*
4. *Reconstituição das festas e jogos tradicionais (AZEVEDO, 1984, p. 154).*

Perceba-se que tanto no programa do Centro como no convite para o Congresso as questões urbanas prevalecem, o que vai na contramão da compreensão dos que veem o regionalismo como sinônimo do rural, como fez Antonio Candido, conforme se examinará na próxima subseção. Em suma, criou-se na história dos estudos da literatura brasileira o mito de que o movimento regionalista é estético.

## 2.2 O REGIONALISMO EM ANTONIO CANDIDO

Em 1970, o sociólogo e crítico literário Antonio Candido publicou o texto *Literatura e Subdesenvolvimento* (CANDIDO, 2017), no qual escreveu: “Uso aqui o termo ‘regionalismo’ à maneira da nossa crítica, que abrange toda a ficção vinculada à descrição das regiões e dos costumes rurais desde o Romantismo” (CÂNDIDO, 2017, p. 190). Provavelmente, é essa posição de Candido que mais impacto tem sobre os intelectuais que assumem serem sinônimas as expressões *literatura rural* e *literatura regional*. É como se para ser universal uma obra tivesse que ser urbana. Em outras palavras, se rural é regional, o urbano é o universal, para se pegar apenas duas antípodas e, dessa forma, reforçar o absurdo que é essa classificação de rural=regional. Porém não foi apenas este crítico que adotou essa ideia. A crítica Lúcia Miguel Pereira, em 1950, escreve que são obras regionalistas aquelas:

cujo fim primordial for a fixação de tipos, costumes e linguagens locais, cujo conteúdo perderia a significação sem esses elementos onde os hábitos e estilos de vida se diferenciem dos que imprime

a civilização niveladora. Assim entendido, **o regionalismo se limita e se vincula ao ruralismo e ao provincialismo**, tendo por principal atributo o pitoresco, o que se convencionou chamar de “cor local” (PEREIRA, 1950, p. 175, grifo nosso).

Ocorre que toda obra fixa tipos, costumes e linguagens de algum local, no campo ou na cidade. Isso não deveria ser parâmetro. Ela afirma que isso que se fixa é diferente do que imprime a civilização niveladora, ou seja, não é civilizado o enredo que se passa em ambiente rural. E, como destacado, para ela o regionalismo se vincula ao ruralismo. Ora, se é assim, por que razão se chama de literatura regional? Seria mais apropriado usar a expressão literatura rural.

Em *Do Beco Ao Belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura*, Chiappini (1995) define regionalismo como “manifestação de grupos de escritores que programaticamente defendem, sobretudo, uma literatura que tenha por ambiente, temas e tipos de uma certa região rural, em oposição aos costumes, valores e gostos citadinos, sobretudo das grandes capitais” (CHIAPPINI, 1995, p. 153-154). Ou seja, mais uma vez persiste a mistura sinonímica entre regional e rural. E aqui a autora ainda cita a existência de algum programa que defenda literatura rural. Isso parece mais uma ilusão intelectual do que expressão da realidade factual. Simplesmente não existe esse tipo de programa.

Antonio Candido identifica no romantismo o início do regionalismo. É uma conclusão, para ele, até óbvia, uma vez que tem em mente literatura rural, e esse tipo de literatura realmente surge no romantismo por meio dos romances românticos. E estes se passam em ambiente rural dado que o Brasil era um País rural e assim continuou até a década de 1960, quando ocorre a transição para um país com maioria da população habitando em áreas urbanas. Nos anos 1920, quando surgiram o movimento modernista e o movimento regionalista do Nordeste, o Brasil tinha grande parte da sua atividade econômica concentrada no campo. Veja-se que “segundo o censo de 1920, dos 9,1 milhões de pessoas em atividade, 6,3 milhões (69,7%) se dedicavam à agricultura, 1,2 milhão (13,8%) à indústria e 1,5 milhão (16,5%) aos serviços” (FAUSTO, 2013, p. 242). Embora o poder estivesse na Corte, no Rio de Janeiro, o poder econômico permanecia no campo. E mesmo que os leitores estivessem em sua maioria nas cidades – razão pela qual se escrevia nesses espaços e lá se consumia a produção literária – a relação com o campo, com o ambiente rural, permanecia forte chegando mesmo à dependência econômica. Ambientar, pois, uma narrativa no campo não era tornar a obra regional, era retratar o Brasil real, um País agrário, com baixo nível de indus-

rialização e uma produção econômica fortemente baseada no café e ainda na cana de açúcar, e com uma população morando em áreas rurais.

De posse dessa noção de Antonio Candido de que rural é o mesmo que regional, Gilberto Freyre escreveu: “Já uma vez me afoitei a sugerir esta ideia: a necessidade de reconhecer-se um movimento distintamente nordestino das letras, das artes, da cultura brasileira” (FREYRE, 2010, p. 37). Nesse texto, ele se punha como o líder desse movimento literário, o que também não é verdade.

O fato é que esse equívoco de misturar regional com rural, e ainda por cima adotar como marco do regionalismo o período romântico, prevalece ainda hoje e de tal sorte que os livros didáticos de ensino médio foram sendo alterados para serem adaptados a essa concepção, o que será tratado na próxima seção.

### 3 ABORDAGENS DOS DIDÁTICOS DE LITERATURA BRASILEIRA SOBRE “REGIONALISMO”

Nesta seção, dividida em cinco subseções, são analisados cinco livros didáticos, em nível de ensino médio, de Literatura Brasileira, no que se refere à forma como abordam o “regionalismo”. Os livros, publicados nos anos de 1995, 1996, 2010, 2011 e 2016, são de autores diferentes, embora alguns desses autores tenham mais de um livro publicado ao longo de suas carreiras como autores de livros didáticos. A análise seguirá a ordem cronológica de publicação dos livros.

#### 3.1 Primeiro livro (1995)

O primeiro livro em estudo aqui é Literatura Brasileira (CEREJA; MAGALHÃES, 1995). Os autores acertam ao localizar na produção literária brasileira uma relação direta com a procura da formação de uma identidade nacional. Enxergam no romance formas de contorno dessa identidade e oferecem uma divisão didática que abrange três grandes campos nos quais se inserem a produção literária do romantismo: o romance indianista e histórico, que retrata a vida primitiva; o romance regional, que reflete a vida rural; e o romance urbano, cuja classificação já indica a vida na cidade. Nas palavras dos autores:

Com a independência do Brasil, em 1822, nossos artistas e intelectuais empenharam-se em definir uma identidade cultural do país. [...] Assim, procurando ‘re-descobrir’ o país, o romance brasileiro está radicalmente ligado ao reconhecimento dos espaços nacionais, tomados em três frentes: a *selva*, o *campo* e a *cidade*, que darão origem, respectivamente, ao **romance indianista** e

**histórico** (a vida primitiva), o **romance regional** (a vida rural) e o **romance urbano** (a vida cidadina). José de Alencar, por exemplo, o maior romancista do nosso Romantismo, escreveu obras ligadas a esses três espaços, como *O Guarani*, romance histórico-indianista; *O gaúcho*, romance regional; e *Senhora*, romance urbano (CEREJA; MAGALHÃES, 1995, p. 154, grifos dos autores).

Nesse livro, pois, os autores identificam a origem do que chamam de regionalismo no romantismo e, assim como em Antonio Candido, tomam romance regional como sinônimo de literatura rural. Porém, quando vão tratar da literatura de 1930, entendem que os “regionalistas” também escreviam literatura urbana.

Os romancistas de 30 caracterizavam-se por adotarem uma visão crítica das relações sociais e, excluída a linha novelística, psicológica, todos se integram, num sentido amplo, ao regionalismo, seja na base das áreas rurais e campestres, seja na fixação de cenários urbanos, de subúrbios ou pequenas cidades. Em ambas as vertentes, o que ressalta é o homem hostilizado pelo ambiente, pela terra, pela cidade, o homem devorado pelos problemas que o meio lhe impõe (CEREJA; MAGALHÃES, 1995, p. 335).

Veja-se que aqui os autores já diminuem a importância do ambiente, seja urbano ou rural, valorizando apenas o fato de o homem ser hostilizado pelo ambiente. Obviamente, essa nova compreensão se desvia do que haviam afirmado anteriormente de ser o romance rural um romance regional. Os autores estão corretos, porém, ao perceberem crítica das relações sociais no chamado romance de 30, de certa forma impactado pela chegada de Getúlio Vargas ao poder, como está escrito abaixo:

Os abalos sofridos pelo povo brasileiro em torno dos acontecimentos de 1930 [...] condicionaram um novo estilo ficcional, notadamente mais adulto, mais amadurecido, mais moderno, que se marcaria pela rudeza, por uma linguagem mais brasileira, por um enfoque direto dos fatos, por uma retomada do naturalismo, principalmente no plano da narrativa documental (CEREJA; MAGALHÃES, 1995, p. 334-335).

Até essa relação que se quer direta entre a Revolução de 30 e o Romance de 30 não é plenamente verdade, dado que o primeiro romance desse período, *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, é de 1928, dois anos antes de Getúlio assumir as rédeas do País.

O quadro abaixo esquematiza as principais características desse livro no que se refere à abordagem do “regionalismo”.

Autor (es/as)	Título do livro	Data da edição	Conceito de regionalismo	Onde localiza a origem do regionalismo	Autores de destaque	Como trata o “regionalismo nordestino”/romance de 30/Segunda Geração do modernismo
CEREJA, William Roberto; MAGAL HÃES, Thereza Analia Cochar.	<b>Literatura brasileira</b>	1995	A vida rural	Romantismo	José de Alencar (O Gaúcho).	Origem em Franklin Távora, Rodolpho Teófilo e Domingo Olímpio. Características: Adulto, maduro, rude, moderno, linguagem brasileira, enfoque direto nos fatos, retomada do naturalismo, narrativa documental; - Romancistas_ visão crítica das relações sociais; regionalismo como base das áreas rurais e campestres, fixação de cenários urbanos, subúrbios ou pequenas cidades; destaque para o homem hostilizado pelo ambiente, pela terra, pela cidade, sujeito ao meio.

O segundo livro analisado se intitula *Palavra e arte* (PELLEGRINI; FERREIRA, 1996) e é o 3º volume de uma série de três livros voltados para o ensino médio. Como foi comum nessa década, essa coleção visava a atender as áreas de gramática, redação e literatura brasileira, provavelmente por isso os conteúdos são mais sucintos. No caso da discussão sobre o “regionalismo”, as autoras sequer citam o romantismo como momento de nascimento do que se chama de “regionalismo”, sobre o qual escrevem: “Foi a prosa regionalista, rural e/ou urbana, que marcou essa fase, adotando uma *visão crítica das relações sociais*, acentuada pelo uso da linguagem oral, pelos brasileirismos e pela renovação sintática” (PELLEGRINI; FERREIRA, 1996, p. 156).

Aqui, o problema está em nomear de “prosa regionalista”, porém as autoras com justeza afirmam que os autores da chamada Geração de 30 escreviam sobre o mundo rural bem como sobre o urbano, e que, sim, eles se utilizavam de uma verve crítica destacada, além de marcarem o uso de uma linguagem próxima da oralidade.

Para elas, assim como para muitos, o regionalismo era diretamente relacionado com a região Nordeste. Por isso escrevem: “Longe do desenvolvimento industrial e cultural do Rio e de São Paulo, o Nordeste continuava preso a velhas estruturas agrárias em decadência, que geraram um romance forte e rude, reflexo dos graves e específicos problemas da região” (PELEGRINI; FERREIRA, 1996, p. 156).

O quadro a seguir traz um resumo das principais características desse livro didático a respeito da abordagem que as autoras fazem do “regionalismo”.

Autor(es/as)	Título do livro	Data da edição	Conceito de regionalismo	Onde localiza a origem do regionalismo	Autores de destaque	Como trata o “regionalismo nordestino”/romance de 30/Segunda Geração do modernismo
PELEGRINI, Tânia; FERKREIRA, Marina	<b>Palavra e arte</b>	1996	Rural ou urbana, mas produzida Região Nordeste	Segunda Geração Romântica. Geração de 30. Obra inaugural, a Bagaceira	Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz	Foi a prosa regionalista, rural e/ou urbana, que marcou essa fase, adotando uma <i>visão crítica das relações sociais</i> , acentuada pelo uso da linguagem oral, pelos brasileirismos e pela renovação sintática. Longe do desenvolvimento industrial e cultural do Rio e de São Paulo, o Nordeste continuava preso a velhas estruturas agrárias em decadência, que geraram um romance forte e rude, reflexo dos graves e específicos problemas da região.

### 3.3 TERCEIRO LIVRO (2010)

O terceiro livro analisado se intitula *Literatura: tempos, leitores e leituras* (ABAURRE; PONTARA, 2010). Esse livro é o mais amplo em discussão sobre o “regionalismo” entre os cinco analisados neste trabalho. Além de muito bem ilustrada, a obra oferece informações que a aproximam de posições teóricas mais acertadas. Contudo, as distorções acabam sendo praticamente as mesmas dos outros livros analisados.

As autoras evocam para a sua discussão de “regionalismo” outras regiões além do Nordeste e mostram compreender que essa literatura buscava caracterizar tipos humanos diversos no Brasil, os quais, distribuídos no País inteiro, formavam, como um mosaico, a identidade nacional, com sua forma arcaica de viver. Além disso, as autoras comparam as regiões com a Corte, área mais urbanizada do País quando do surgimento do romantismo brasileiro em 1836 e da publicação do primeiro romance brasileiro, *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, em 1844. Nas palavras das autoras:

O regionalismo traz para o centro do romance romântico as paisagens e os tipos de um Brasil desconhecido, como os vaqueiros dos pampas e os sertanejos do nordeste. Nessas obras, é apresentada uma sociedade rural de comportamentos e valores bem diferentes daqueles da corte. O país que emerge dos romances regionalistas configura-se como gigantesco na extensão e arcaico nos costumes (ABAURRE; PONTARA, 2010, p. 362).

As autoras acertam ao afirmar: “Revelar o Brasil para os brasileiros: esse objetivo define o projeto literário dos romances regionalistas” (ABAURRE; PONTARA, 2010, p. 363). Isso mesmo, a literatura brasileira, desde o arcadismo, foi uma longa estrada na busca de uma identidade nacional, que se intensifica com a chegada do romantismo, pois por meio dos romances as paisagens e a vida dos brasileiros eram retratadas, detalhadas e emolduradas.

Elas lembram que Franklin Távora reclamava a necessidade dessa tarefa de formação da identidade nacional por meio da literatura: “Franklin Távora argumentava que os romances de Alencar não eram capazes de imprimir caráter verdadeiramente nacional à literatura brasileira, por isso não mereceriam tanta atenção e prestígio” (ABAURRE; PONTARA, 2010, p. 373). As autoras entendem que Távora praticava o que chamam de regionalismo diferente, mas não apresentam o que seria essa diferença.

Para Aباurre e Pontara (2010), Bernardo Guimarães escreve o primeiro romance regionalista com *O Ermitão de Muquém*, que veio a lume em 1869. Esse romance rural do período do romantismo elas denominam “regionalismo romântico”: “Do regionalismo romântico, vem o interesse pela relação entre os seres humanos e os espaços que eles habitam, apresentado agora de uma perspectiva mais determinista. Do Realismo, é recuperado o interesse em estudar as relações sociais” (ABAURRE; PONTARA, 2010, p. 616). Por isso que, quando ocorre o retorno dessa literatura rural nos anos 30, as autoras compreendem

ocorrer a “retomada de um olhar realista” (ABAURRE; PONTARA, 2010, p. 616). De fato, alguns críticos enxergam na literatura da chamada Geração de 30 uma retomada do realismo e do naturalismo.

O romance de 1930 inova ao abandonar a idealização romântica e a impessoalidade realista, para apresentar uma visão crítica das relações sociais e do impacto do meio sobre o indivíduo. Essas raízes literárias que relacionam a ficção de 1930 às duas estéticas do século XIX fizeram com que os romances escritos nesse período fossem conhecidos como **regionalistas** ou **neorrealistas** (ABAURRE; PONTARA, 2010, p. 616, grifos das autoras).

Quando Abaurre e Pontara (2020) iniciam a discussão sobre o “regionalismo” dos anos 1930, dão a definição clássica, batida e equivocada de que os romances desse gênero mostram a realidade específica de uma região, como se os romances urbanos não fizessem a mesma coisa, inclusive em áreas geográficas ainda menores, como morros ou bairros de uma cidade. Assim, elas escrevem: “São considerados **regionalistas** os romances que abordam a realidade específica de uma região, caracterizada por particularidades geográficas e por tipos humanos específicos, que usam a linguagem de um modo próprio e têm práticas sociais e culturais semelhantes” (ABAURRE; PONTARA, 2010, p. 617, grifo das autoras). Elas parecem se esquecer de que os problemas retratados por essa geração mostram situações de uma região, mas existentes em outras partes do planeta, como fome, seca, banditismo social, dentre outros (FEITOSA, 2020).

Embora tenham abordado o tema da nacionalidade anteriormente, aqui elas não citam a questão, como se a tradição literária não estivesse em mais um prolongamento. Sim, os romances da Geração de 30 são caudais da tradição literária brasileira, que pouco se afastou da busca da identidade nacional.

As autoras acertam ao afirmar: “O projeto literário do romance da geração de 1930 foi claro: revelar como uma determinada realidade socioeconômica, no caso, o subdesenvolvimento brasileiro, influenciava a vida dos seres humanos” (ABAURRE; PONTARA, 2010, p. 617). No entanto, elas parecem não perceber que essa ação de revelar a realidade econômica é um tema universal, e não regional. Elas estão presas à noção de rural=regional.

O quadro abaixo resume a forma como as autoras tratam o tema “regionalismo”.

Autor(es/as)	Título do livro	Data da edição	Conceito de regionalismo	Onde localiza a origem do regionalismo	Autores de destaque	Como trata o "regionalismo nordestino"/romance de 30/Segunda Geração do modernismo
<p>ABAURRE, Maria Luiza M.; PONTARA, Marcela.</p>	<p><b>Literatura:</b> tempo, leituras e leituras</p>	<p>2010</p>	<p>A vida rural</p>	<p>Romantismo</p>	<p>José de Alencar (O Gaúcho, O Sertanejo, O Tronco do Ipê, Till);</p> <p>Bernardo Guimarães (A Escrava Izaura, O Garimpeiro, O Ermitão de Muquém, O Seminarista, A Filha do Fazendeiro, O Pão de Ouro);</p> <p>Visconde de Taunay (Inocência, A Retirada da Laguna);</p> <p>Franklin Távora (O Cabeleira, O Matuto, Um Sacrifício, Casamento no Arrabalde).</p>	<p>Origem em Franklin Távora, Rodolpho Teófilo e Domingo Olímpio.</p> <p>Características: Adulto, maduro, rude, moderno, linguagem brasileira, enfoque direto nos fatos, retomada do naturalismo, narrativa documental;</p> <p>Romancistas_ visão crítica das relações sociais; regionalismo como base das áreas rurais e campesinas, fixação de cenários urbanos, subúrbios ou pequenas cidades; destaque para o homem hostilizado pelo ambiente, pela terra, pela cidade, sujeito ao meio;</p> <p>Projeto literário do romantismo: o romance regionalista_ formação de uma identidade nacional, revelação do Brasil para os brasileiros, apresentação de tipos e costumes regionais</p> <p>Apresentação idealizada do território nacional;</p> <p>Os sertanejos como heróis que enfrentam as agruras do sertão;</p> <p>Franklin Távora como fundador do regionalismo do Nordeste do século XX.</p> <p>Romance de 30</p> <p>Soma de características do regionalismo romântico com o realismo;</p> <p>Visão crítica das relações sociais;</p> <p>Regionalismo nordestino = neorealismo;</p> <p>Romances regionalistas_ realidade específica de uma região, particularidades geográficas, humanas e de linguagem, com práticas sociais e culturais semelhantes;</p> <p>Projeto literário_ revelar a realidade sócio- econômica.</p>

### 3.4 QUARTO LIVRO (2011)

O autor José de Nicola está entre os mais conhecidos nas escolas de ensino médio no que se refere ao ensino de literatura. Em uma de suas obras, Nicola (2011) localiza o nascimento do “regionalismo” quando do lançamento do Manifesto Regionalista do Nordeste em 1926. Aqui ele já comete o primeiro erro, pois esse manifesto só foi escrito em 1952 e, portanto, não foi lido no Congresso Regionalista do Nordeste de 1926. O acerto está em compreender que o regionalismo nasce, aí sim, no movimento regionalista do Recife, que não era um movimento literário. Nicola, de maneira correta, não evoca as obras da literatura rural do romantismo como início do “regionalismo”. E mais ainda, o autor vê o “regionalismo” como rebento da Semana de Arte Moderna de 1922, o que contraria posição expressada tanto por José Lins do Rego como Gilberto Freyre. Assim escreve Nicola:

Os anos de 1925 a 1930 marcam a divulgação do Modernismo pelos vários estados brasileiros. Assim é que o Centro Regionalista do Nordeste, com sede em Recife, lança o Manifesto Regionalista de 1926, em que procura ‘desenvolver o sentimento de unidade do Nordeste’ dentro dos novos valores modernistas (NICOLA, 2011, p. 482).

Em consonância com outros autores, José de Nicola percebe no “regionalismo” a pugna pela identidade nacional: “Numa incessante busca do brasileiro, o **regionalismo** ganha uma importância até então não alcançada em nossa literatura, levando ao extremo as relações do personagem com o meio natural e social” (NICOLA, 2011, p. 483, grifo do autor). Importa destacar aqui a referência à relação com o meio natural e social, de forma que a ideia de “regionalismo” segue a mesma base conceitual. Nicola cita como características da prosa da Geração de 30 as questões ligadas ao campo, ao mundo rural. Isso também o faz manter-se no mesmo patamar conceitual clássico.

No quadro abaixo estão resumidas as principais características de como esse livro didático trata do tema “regionalismo”.

Autor(es)	Título do livro	Data da edição	Conceito de regionalismo	Onde localiza a origem do regionalismo	Autores de destaque	Como trata o “regionalismo nordestino”/romance de 30/Segunda Geração do modernismo
NICOLA, José de.	<b>Painel da Literatura em língua portuguesa</b>	2011	A vida rural	1926 com o “manifesto regionalista”	José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Jorge Amado e Érico Veríssimo.	1926 - Romance caracterizado pela denúncia social, incessante busca do brasileiro - Vê a literatura de 30 como rebento de 22.

### 3.5 QUINTO LIVRO (2016)

Esta obra didática está dividida em três volumes, em dois dos quais tratam do tema “regionalismo”. No volume 2, os autores evocam em primeira mão o “regionalismo” dos anos 1930, porém logo declaram compreender que o “regionalismo” nasce no romantismo: “Embora a literatura regionalista brasileira só tenha alcançado um alto grau de sofisticação formal e temática com os escritores modernistas de 1930, foi no Romantismo que essa tendência surgiu” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016, vol. 2, p. 52).

No volume 3, Ormundo e Siniscalchi (2016) retomam o “regionalismo” do romantismo, porém centram sua ação didática para a década de 1930, com um olhar sempre focado na produção nordestina, especialmente de José Lins do Rego.

Como vimos, foi no século XIX que se inaugurou no Brasil o romance regionalista. Embora tenha sido importante para a afirmação de nossa literatura e de nosso nacionalismo pós-independência, a investigação da relação homem-terra proposta pelos românticos mostrou-se superficial, preocupada, principalmente, com a “cor local”<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Aspectos naturais, linguajar, hábitos, costumes, códigos morais específicos.

Entre os autores regionalistas de 1930, entretanto, essa tendência terá ambições maiores. O regionalismo dos modernistas, em geral, busca investigar as complexas relações entre o homem e sua terra, discutindo fenômenos naturais, a memória individual e coletiva do povo e a persistência e o poder da tradição. Essa abordagem privilegia o enfoque nos elementos específicos de uma região, mas não perde de vista a universalidade do fenômeno humano, principalmente quando foge aos estereótipos e à mera exploração dos aspectos ditos exóticos de um povo (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016, vol. 3, p. 74).

Como se observa na citação acima, o “regionalismo” é entendido como uma literatura voltada para as coisas do campo. Como os demais autores de livros didáticos, evocam a ideia de que essas obras retratam as características de uma região. Interessa notar ainda na citação acima uma breve referência à universalidade das questões humanas. Mesmo assim, não se consegue mudar a ideia de uma literatura limitada a um meio, a uma área geográfica. Ormundo e Siniscalchi (2016) acertam em perceber que a produção literária da Geração de 30 traz forte crítica social, sendo, pois, muito próxima do realismo.

Em lugar de se basearem no modelo de realismo praticado pelos prosadores do século XIX – geralmente impessoal, distante e de pretensão científica –, os regionalistas de 30 optaram por adotar uma visão crítica e analítica das relações sociais. Esse **neorrealismo** buscava mergulhar na psicologia dos personagens, provocar o leitor e, eventualmente, fazê-los protestar contra a realidade vigente, de modo a transformá-la (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016, vol. 3, p. 75, grifo das autoras).

Nomear o romance de 30 de neorrealista não é descabido, pelo contrário, pode ser bastante adequado. Todavia, essa denominação ainda não é consensual, o que indica leituras dos autores desta obra didática, ainda que não tenha citado a fonte de onde retiraram o conceito. Esse posicionamento não é consensual entre os autores de livros didáticos estudados neste artigo.

No quadro abaixo, estão resumidas as maneiras como os autores desta obra didática tratam o tema regionalismo nos dois volumes analisados.

Autor(es)	Título do livro	Data da edição	Conceito de regionalismo	Onde localiza a origem do regionalismo	Autores de destaque	Como trata o “regionalismo nordestino”/romance de 30/Segunda Geração do modernismo
ORMUNDO, Wilton; SINISCA LCHI, Cristiane.	<b>Se liga na língua:</b> literatura, produção de texto, linguagem .	2016_ Vol. 2 e Vol. 3	Costumes, língua, cultura, rusticidade e código moral rigoroso. Ambiente rural.	Romantismo	Bernardo Guimarães (Sudeste e Centro- Oeste); Visconde de Taunay (Centro- Oeste); José de Alencar (Sul); Franklin Távora (Nordeste)	Origem no Séc. XIX - Busca investigar as complexas relações entre o homem e sua terra, discutindo os fenômenos naturais, a memória individual e coletiva do povo e a persistência e o poder da tradição; - Enfoque nos elementos específicos de uma região, mas não perde de vista a universalidade do fenômeno humano.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os livros didáticos analisados neste artigo, como parece ser característica desse tipo de material, são a caixa de ressonância de teorias acadêmicas cristalizadas e popularizadas. Os livros tentam reproduzir conhecimentos arraigados, tidos como verdade, e são escritos com o objetivo de dar uma formação básica para o aluno e a este fornecer elementos para enfrentar as provas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e de vestibulares. Não cabe aos autores de livros didáticos criar teorias sobre os assuntos que abordam, restando essa tarefa à academia.

Assim, as análises feitas aqui não são uma crítica aos livros didáticos nem aos seus autores (as), mas a constatação do que a academia vem produzindo sobre o tema “regionalismo”. Em outras palavras, desde quando alguém ousou supor que regionalismo era uma escola literária, tem havido um esforço acadêmico de explicar uma teoria insustentável. Com um pouco de boa vontade, muda-se essa visão equivocada e se passa a compreender o que realmente foi o regionalismo – um movimento político de iniciativa de intelectuais pernambucanos visando à retomada do crescimento econômico do Nordeste –, mas isso faria ruir teorias de muita gente, o que talvez não interesse a boa parte da acade-

mia. O próprio Antonio Candido teria de ser confrontado, e todos aqueles que basearam suas afirmações e teses em Antonio Candido teriam que voltar atrás e refazer seu percurso.

Os livros didáticos aqui analisados são praticamente consensuais no tocante ao “regionalismo” como escola literária; aceitam que literatura rural é literatura regional; não se mostra que os temas tratados na literatura rural são de caráter universal; raramente um livro didático informa que autores considerados produtores de literatura regional=rural também ambientaram romances em cidades; e praticamente todos os autores seguem a noção de que o “regionalismo” teve sua origem no romantismo quando do surgimento do romance. Ou seja, do ponto de vista do ensino do conhecimento consolidado na academia, os livros didáticos cumprem muito bem seu papel. Do ponto de vista dos estudantes, receber um ensino enviesado desde academia não é um bom caminho de formação.

É necessário que a academia se dedique a estudar o regionalismo como ele de fato é, para que isto seja incorporado aos livros didáticos de maneira correta, e não que o “regionalismo” entendido como escola literária seja um truísmo. Não existe regionalismo literário, simplesmente.

A análise dos livros didáticos escolhidos para escrutínio nesta pesquisa pode vir a se repetir para se verificar se houve alteração em edições mais recentes ou se essas novas edições, como espelho da academia, continuam a refletir um equívoco persistente, resistente, quase indelével.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. **Modernismo e regionalismo (os anos 20 em Pernambuco)**. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2017.

CHIAPPINI, Ligia. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 153-159.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 14ª ed. São Paulo: Edusp, 2013.

FEITOSA, Nabupolasar Alves. **Não existe regionalismo literário**. In: MESQUITA NETO, José Rodrigues de; SOUZA, Ana Paula Santos de (orgs.). Letras em foco: estudos linguísticos e literários. Rio de Janeiro: Letras e Versos, 2020.

FEITOSA, Nabupolasar Alves. **Pé-de-fogo**: o regionalismo entre a política e a estética. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2021a.

FEITOSA, Nabupolasar Alves. **Formação da literatura brasileira e sua compreensão sobre o regionalismo**. In: MELO, Ana Amélia de Moura Cavalcante; OLIVEIRA, Irenísia Torres de; DAMASCENO, Kedma Janaina Freitas. O sistema literário no Século XX: de Lima a Carolina. Sobral: Sertão Cult, 2021b.

FREYRE, Gilberto. **Vida, forma e cor**. São Paulo: É Realizações, 2010.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da literatura brasileira, prosa de ficção de 1870 a 1920**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950.

## REFERÊNCIAS DOS LIVROS DIDÁTICOS ANALISADOS

ABAURRE, Maria Luiza M.; PONTARA, Marcela. 2ª ed. **Literatura**: tempo, leitores e leituras. São Paulo: Moderna, 2010.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Analia Cochar. **Literatura brasileira**. São Paulo: Atual, 1995.

NICOLA, José de. **Painel da literatura em língua portuguesa**: Brasil, Portugal, África. 2ª ed. São Paulo: Scipione, 2011.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua**: literatura, produção de texto, linguagem. Vol. 2. São Paulo: Moderna, 2016.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua**: literatura, produção de texto, linguagem. Vol. 3. São Paulo: Moderna, 2016.

PELLEGRINI, Tânia; FERREIRA, Marina. **Palavra e arte**. Vol. 3. São Paulo: Atual, 1996.